



ESTUDOS  
UNIVERSITÁRIOS

Revista de Cultura

60  
anos

## Estudo

Texto recebido em: 15 mar. 2022. Aprovado em: 4 abr. 2022.

AZEVEDO, Alexandre Maurício Fonseca de. Crianças surdas, laço social e linguagem: uma abordagem antropológica sobre apropriação de linguagem de crianças surdas na Ilha do Marajó (PA). *Estudos Universitários: revista de cultura, UFPE/Proexc*, Recife, v. 39, n. 1, p. 267-302, jan./jun., 2022.

<https://doi.org/10.51359/2675-7354.2022.253536>

ISSN Edição Digital: 2675-7354



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons  
**Atribuição 4.0 Internacional.**

# Crianças surdas, laço social e linguagem: uma abordagem antropológica sobre apropriação de linguagem de crianças surdas na Ilha do Marajó (PA)

*Deaf children, social bond and language: an anthropological approach on language appropriation by deaf children in Marajó Island (PA)*

**Alexandre Maurício Fonseca de Azevedo**

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Doutor em Antropologia

E-mail: azevedoalexandre535@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-3901-7999>

 <http://lattes.cnpq.br/2515650351748253>

## Resumo

Este artigo apresenta um estudo etnográfico sobre experiências sociais com vistas à apropriação de linguagem de crianças surdas, realizado nas comunidades do Céu e Caju-Una, situadas no município de Soure, na Ilha do Marajó (PA), através do qual é discutido o modo como as crianças se introduzem no campo da linguagem a partir de suas relações familiares e das vivências em comunidade. Neste estudo, a linguagem é destacada como um fenômeno ligado às relações primordiais que, gradativamente, vai se ampliando na medida em que se incorpora à realidade subjetiva dessas crianças. Tal estudo confirma a importância do laço social para as construções simbólicas que enriquecem o campo da linguagem e preparam o terreno à emergência da língua. A fim de entender a circulação linguística em situações observadas em campo, o autor descreve, aqui, o

modo como as relações de dominação linguística são forjadas no âmbito da cultura, como as crianças surdas constroem seus laços sociais e como se posicionam em relação às brincadeiras compartilhadas nos espaços da casa e na vida comunitária. É a riqueza simbólica que nos permite descortinar a linguagem na experiência humana e exercitar um novo olhar sobre as experiências que animam a vida cotidiana das crianças marajoaras, num cenário em que o autor se inclui como antropólogo e participa como escritor desse rico universo.

**Palavras-chave:** Etnografia. Crianças. Surdez. Cultura. Linguagem.

## Abstract

This article presents an ethnographic study about social experiences, focusing on the appropriation of language by deaf children, carried out in the communities of Céu and Caju-Una, located in the municipality of Soure, in the Marajo Island (PA), through which the way children enter the field of language through their family relationships and Community life is discussed. In this paper, language is highlighted as a phenomenon linked to primordial relationships which, gradually, expands itself to the extent that it is incorporated into the subjective reality of these children. This study confirms the importance of social bonding for the symbolic constructions that enrich the field of language and prepare the ground for the emergence of the language. In order to understand the linguistic circulation in situations observed during his field work, the author describes how relationships of linguistic domination are forged within the scope of culture, how deaf children build their social bonds and how they position themselves in relation to shared games in the spaces of the house and of community life. It is the symbolic richness that allows us to uncover language in human experience and exercise a new look at the experiences that animate the everyday life of Marajoara children, in a scenario in which the author includes himself as an anthropologist and participates as a writer of this rich universe.

**Keywords:** Ethnography. Children. Deafness. Culture. Language.

## Introdução

Este artigo apresenta um estudo etnográfico<sup>1</sup> sobre experiências sociais com vistas à apropriação de linguagem de crianças surdas realizado nas comunidades do Céu<sup>2</sup> e Caju-Una<sup>3</sup>, situadas no município de Soure, na Ilha do Marajó (PA), através do qual destaco o modo como as crianças se introduzem no campo da linguagem a partir de suas relações familiares, das vivências com outras crianças e de suas relações comigo mesmo, na condição de antropólogo.

Nessa perspectiva, pode-se entender a linguagem como um fenômeno ligado às relações primordiais que surge bem antes de a língua ser devidamente incorporada pela criança, posto que a linguagem é marcada inicialmente pelo “prazer do *nonsense*”,

---

1. O trabalho etnográfico apresentado neste artigo contempla uma parte dos estudos realizados no meu doutorado, cuja tese foi orientada pela Profa. Dra. Angélica Maués e defendida no ano de 2014 junto ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPGCS) vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará (IFCH/UFPA).

2. A vila do Céu tem seu marco de fundação no ano de 1913, data que coincide com o início das comemorações do Círio de Santa Maria, padroeira da comunidade, sendo essas comemorações realizadas anualmente no mês de agosto. Como referência ao mito de origem do lugar, seus moradores inicialmente me disseram que a comunidade era antes conhecida como Areião. Um dos seus moradores mais antigos afirma que ela se formou, no início do século XX, a partir do deslocamento de alguns moradores estabelecidos na Vila do Pesqueiro para uma área também litorânea próxima à Comunidade do Caju-Una.

3. A comunidade do Caju-Una tem sua memória de fundação atrelada ao primeiro ato de devoção a São Sebastião, em 1894, e à sua primeira festividade de São Sebastião, ocorrida em 1921.

próprio do manhês, “[...] que seria uma modalidade de fala que fisgaria o *infans* na linguagem” (REZENDE; VORCARO, 2018, p. 48, grifo do autor) e que, ao longo do desenvolvimento, dilui-se gradativamente, enquanto que a língua vai se introduzindo aos poucos na realidade subjetiva dessas crianças:

Via de regra, o manhês capta a atenção dos bebês pelo prazer que ele veicula, o que seria constatado desde a vida intrauterina. Tal afirmação é dada a ver no contexto em que qualquer outro adulto assume a função de cuidador do neonato, orientando seu cuidado pelo balanço dos corpos associado às emissões prosódicas, que incluem as típicas ‘cantigas de ninar’ [...] ao oferecer o próprio corpo como marcador do ritmo que embala o *infans*, o agente cuidador procura sincronizar-se à criança, possibilitando ressoar em seu corpo o que Freud (1905/1992) denominou de ‘prazer do nonsense’ (VORCARO, 2016 *apud* REZENDE; VORCARO, 2018, p. 48, grifos meus).

Parte daí a pertinência deste estudo, que confirma a importância do laço social sobre as construções simbólicas capazes de enriquecer o campo da linguagem e preparar o terreno à emergência da língua, pois sem as escansões na linguagem, promovidas inicialmente pelo agente materno, legítimo representante da cultura, a língua se tornaria apenas um meio de comunicação eminentemente funcional.

No primeiro contato estabelecido na comunidade do Caju-Una, em um contexto familiar onde se inseria uma das *crianças surdas* participantes de minha pesquisa, deparei-me com uma situação inusitada, que, na oportunidade, representaria uma imediata dificuldade no campo. Tratava-se mais especificamente de uma

questão relacionada à comunicação com Iris<sup>4</sup>, uma menina surda que morava com a avó. Prontamente achei que não somente eu, como também sua família, necessitaríamos de suporte linguístico em Língua Brasileira de Sinais (Libras), a fim de estreitarmos a comunicação com a menina. Eu, ainda muito envolvido com o curso de Letras - Habilitação em Libras, em que atuo como professor assistente das disciplinas “Psicologia da Aprendizagem”; “Cultura e Identidade”; e “Literatura e Psicanálise”, entendi que seria importante reunir um material didático em Libras, pois achei que, de certa forma, isso ajudaria a criar melhores condições de comunicação com ela.

A despeito do esforço em conseguir a “xerox” que, posteriormente, seria entregue à família, pude compreender que aquilo que julgava importante não estava exatamente na mesma ordem ou prioridade de interesse para eles, visto que a interação entre eles (Iris, seu irmão e toda a família), que não tinham qualquer domínio de Libras, era facilitada por uma enriquecida linguagem de códigos domésticos que permitia estabelecer um nível razoável de comunicação, indicativo de que as coisas transcorriam relativamente normais em termos de interação, algo bem diferente dos ideais linguísticos que se revelavam em minhas ideias acabadas e impregnadas por artefatos de uma língua de sinais oficializada: a Libras.

---

4. Os nomes das pessoas (inclusive das crianças) referidas neste estudo são os próprios nomes (reais) pelos quais elas pedem que sejam chamadas. Houve exceção apenas por parte de uma pessoa (avó de Iris), que me pediu para utilizar o nome “Amiga da Praia”. Iris, a quem eu me refiro nesta introdução, é também chamada por alguns de seus familiares (a exemplo de sua mãe) de “Francy”, pois seu nome composto é “Francy Iris”.

Aos poucos, refleti que aquilo que se apresentava como suposta deficiência linguística na comunicação com Iris não necessariamente (nem nas mesmas condições) representaria barreiras de linguagem, sobretudo entre ela e seus familiares. De certo modo, meu olhar de outrora sobre a surdez já não correspondia ao olhar que observou o diálogo entre Iris e seus familiares e que haveria de compreendê-lo sob um novo ângulo de visão. Em outras palavras, a maneira de ver a deficiência a partir de pressupostos relacionados às políticas de inclusão, própria ao meu universo acadêmico, que, certamente, interferiu em meu posicionamento, era sensivelmente diferente, pois estava influenciada por um viés predominantemente pedagógico.

## Em busca de um caminho para a pesquisa

Tal fato veio iluminar as questões que problematizo nesta introdução em busca de um ponto de partida que se direcione a uma compreensão mais ampliada sobre a linguagem, levando em consideração, sobretudo, outros aspectos representativos da cultura que me permitiram entender os “caminhos” ou as trilhas por onde as crianças surdas circulam, estejam elas acompanhadas de seus familiares ou de seus colegas e amigos, além dos caminhos da vida, os quais servem de referência às crianças e adultos no seu deslocamento em busca de coisas que lhes despertam o mundo, e, no meu caso, como antropólogo, que representam os caminhos que percorro a fim de chegar até os sujeitos desta pesquisa. Para tal, inspirei-me no artigo *Jornada ao longo de um caminho de vida – mapas, descobridor-caminho e navegação*, de Tim Ingold (2000, tradução nossa), cuja analogia destaca a importância de

“descobrir-caminhos” a partir do olhar sobre o mundo que se move incessantemente no tempo e no espaço.

O trabalho de campo exposto neste artigo obviamente não é um mapa estático de pontos fixos, e sim um conjunto de caminhos, trilhas e experiências que estão em movimento permanente e contribuem para a visão totalizadora da atividade humana neste particular universo sobre o qual me debruço conforme o alcance de minhas considerações no caso. Nessa ordem, a etnografia deve ser vista também como uma “[...] tomada ao longo de muitas trilhas que compõem um território, ao longo das quais as pessoas vão e vêm na vida prática” (INGOLD, 2000, p. 226, tradução nossa) e constroem suas experiências na coletividade. Segundo Ingold (2000, p. 222, tradução nossa), “o mundo de nossas experiências é um mundo suspenso em movimento, que está continuamente se criando, enquanto nós – pelo nosso próprio movimento – contribuimos para sua formação”.

Tal disponibilidade ao campo exigiu, de minha parte, certo espírito de prontidão a fim de que eu pudesse, em vez de criar meu próprio caminho, seguir os passos e o ritmo das pessoas na comunidade. Mesmo porque, quando se planeja minimamente o trabalho de campo e logo se vê imerso na vida das pessoas, tudo parece imprevisível, provocando uma série de interrogações de alta complexidade do ponto de vista das relações que se travam no ambiente de pesquisa que nem sempre são favoráveis à construção de um determinado conhecimento.

Daí vem a crença de que as oportunidades de contato no campo seriam forjadas “naturalmente” e decorreriam fundamentalmente do acerto de uma postura ética e respeitosa ao modo de vida das

famílias e das crianças, inclusive as consideradas especiais. Nesse caso, a família torna-se um campo prioritário de observação, uma vez que as crianças, de modo geral, passam boa parte do tempo em companhia dos parentes mais próximos, sendo necessário, portanto, pensar em estratégias de aproximação para acessá-las.

## A vida nas comunidades

A alvorada no Caju-Una é revestida de silêncio, interrompido apenas pelo canto dos galos que se repete de duas a três vezes quando os primeiros clarões anunciam o nascer do dia. Gradativamente o céu vai se preenchendo de tons laranja-dourado que aos poucos vão se misturando aos tons avermelhados no horizonte parcialmente encoberto pela vegetação que protege a vila do mar sob as nuvens que, vagarosamente, se dissipam no céu. O sol da manhã, na sua forma branda, compõe um cenário que coincide com a chegada do pão levado pelo padeiro que o distribui em ambas as vilas: do Céu e Caju-Una.

Em um desses momentos, observei o entregador de pães sentado à garupa de uma moto com que chegava e encostava próxima à primeira fileira de casas na vila do Caju-Una. Logo que percebem o homem dos pães adentrando a vila, as pessoas surgem de suas casas como formigas atraídas por alimento, a fim de garantir o pão do dia. Antes que as famílias se revezem na tarefa de abastecer de água suas residências, o padeiro refaz o caminho com o intuito de receber o dinheiro da venda diária ou das vendas acumuladas ao longo da semana. Simultaneamente à providência

do pão, as pessoas se deslocam ao centro da arena<sup>5</sup> para encher seus baldes de água<sup>6</sup>, lavar a louça, cuidar da higiene pessoal e assim iniciar uma nova jornada.

Constato, reiteradamente, que a necessidade de ir e vir ao poço proporciona aos moradores inúmeras oportunidades de contato, sobretudo quando as necessidades concretas da água se transformam também em oportunidades de convívio social. Assim, enquanto enchem seus baldes de água, homens trocam informações sobre a maré e travam conversas sobre assuntos diversos, jovens adolescentes trocam conversas e olhares buscando algum tipo de aproximação e crianças que acompanham suas mães transformam esses momentos em mais uma de suas brincadeiras.

A partir das primeiras tarefas matinais, a vida segue seu curso normal: homens organizam suas pescarias; algumas mulheres dão continuidade às tarefas domésticas, tais como lavar roupa, varrer a casa ou mesmo cozinhar; outras se envolvem em funções específicas em escolas, postos de saúde e centros comunitários; e as crianças vão para a escola. Quando não estão na escola, as crianças menores permanecem em casa assistindo à televisão ou brincando nas proximidades da casa enquanto as crianças maiores ajudam em algumas tarefas domésticas e às vezes acompanham seus pais até o igarapé que se forma na parte norte da vila.

---

5. Área central da vila, coberta de areia, onde acontecem as peladas e, também, onde as crianças brincam.

6. O problema da inexistência de água encanada e tratada na comunidade faz parte de uma reivindicação antiga da comunidade. Inclusive muitos moradores se queixam de que essa questão nunca foi tratada com a devida seriedade pelos políticos representantes municipais, sendo inquestionável sua importância à vida das pessoas.

A rotina da vida diária dos cajunenses; espelha, de certa forma, o cenário das atividades econômicas e sociais que são desenvolvidas naquele entorno. Quando o sol esquentava e uma parte das tarefas do dia já foi cumprida, as famílias se sentam para almoçar e, quando possível, também fazem a sesta. Na quietude passageira do início da tarde, eu me deito em uma rede e aproveito para atualizar meu diário ou realimentar textos que venho elaborando. Na medida em que o sol vai esfriando, por volta das 17 horas, as pessoas começam a sair de casa. Muitos aproveitam esse momento de efusão geral para ir novamente ao poço e abastecer de água suas casas; outros aguardam seus pares a fim de combinar os jogos que se iniciam momentos depois.

O final de tarde culmina em um intenso momento de encontros, quando as pessoas ocupam as pequenas varandas de suas casas ou se acumulam nos degraus das escadas para assistir ao movimento que se intensifica no entardecer, momento em que as janelas das casas de madeira abrem-se e transformam-se em molduras para os rostos acesos que contemplam a vida pulsante do lado de fora.

As crianças organizam seu jogo de bandeirinha junto com as mães, tias e parentes afins, que também participam. Os finais de tarde ganham uma dimensão festiva na medida em que a profusão simultânea de estímulos sonoros se faz presente: o tecnobrega é disparado de uma pequena aparelhagem de som localizada nas imediações centrais da arena e, em seguida, se mistura ao ritmo da balada do som vindo do aparelho de outro morador, que, a uma distância de apenas cinco casas na mesma fileira, chega a confundir os ouvidos dos moradores no que se refere à origem do som. Assim, a música duplica, triplica os estímulos, criando na vila um ambiente

eletrizante onde o som brega mistura-se ao funk e a outros gêneros musicais, porém com prevalência do ritmo tecnobrega.

As crianças jogam e dançam ou dançam e jogam quando o som vai se incorporando aos movimentos exigidos nas brincadeiras e nos jogos. Até mesmo Iris, que não compartilha da mesma percepção auditiva, dança com as vibrações do som: ela abre seu braço esquerdo, coloca sua mão na barriga e dança no ritmo que pulsa em seu corpo; depois desfaz o seu teatro pessoal e pede que a mãe sinta a palpitação que vibra em seu coração, segurando sua mão e a colocando à altura de seu peito. A mãe, percebendo que eu a observava, diz: “o coração dela tá batendo forte, é porque ela tá dançando”.

A noite chega e as crianças – gradativamente e um tanto quanto imperceptivelmente – vão se retirando da arena. Algumas mais resistentes ainda perambulam por lá em busca de um resto de brincadeira, mas o corpo reclama e apela à necessidade de reposição das energias perdidas, o que torna mais provável o retorno às casas. Nesse sentido, todas as crianças que moram no Caju-Una, bem como no Céu, possuem casas e uma clara referência familiar.

Há, nesse sentido, recomendações implícitas e até mesmo explícitas na conduta dos pais para que as crianças não se distanciem nem retornem após os horários previamente combinados e, como a maioria das crianças se mantêm relativamente próximas dos olhares dos pais, não constitui tarefa de difícil interpretação saber o momento certo que devem retornar para casa.

À noite, por volta das nove horas, quando normalmente os aparelhos estão desligados, as novelas tornam-se atrativos prediletos para as famílias: normalmente sintonizadas na programação do canal SBT, na novela Chiquititas, e às vezes na

Globo, na novela Amor à Vida. Os dramas que se desenrolam nas novelas são amplamente discutidos pelas crianças maiores e pelos adultos. Vale ressaltar que, até nas casas mais humildes e menos aparelhadas do ponto de vista de suas estruturas, há sempre uma televisão disponível, sendo que uma parte delas possui conexão através de antena parabólica.

Vale registrar um fato curioso, entendido por mim como prova incontestável da espiritualidade infantil: em uma das visitas que fiz à casa de Ana Claudia, na vila do Céu, fui recebido pelo seu filho Anderson, de 9 anos, e por um casal de cachorros que o acompanhavam até a porta. Ele, em sinal de cortesia, ao passo que me pedia para entrar, alertava os cachorros para se afastarem. Perguntei, então, o nome dos cachorros, e o garoto, sorrindo, me respondeu: “aqui a novela termina, mas as estrelas permanecem: esta é a Lucimar e este é o Russo”. Sorrindo, Anderson me lembra que são personagens da novela Salve Jorge, transmitida pela emissora Globo e que terminara havia pouco tempo. Não foi difícil de confirmar o que já havia observado em outras casas: assistir a novelas constitui momento de diversão não somente para os adultos, mas também para as crianças, que, como Anderson, guardam a lembrança de seus personagens em seus bichos de estimação.

### Em casa, com a família

Para seus moradores, a casa ganha vida e transforma-se em lar na medida em que resguarda pequenas relíquias, porta-retratos com fotos de família, imagens de santos, salmos evangélicos dentre outros objetos íntimos que reforçam a identidade das pessoas que nela vivem. Para as crianças, trata-se do lugar onde guardam seus

cadernos, livros, brinquedos e alguns objetos de estima que adquirem novos sentidos de acordo com o imaginário da criança ou em decorrência da situação brincada (AZEVEDO, 2006).

Em uma de minhas visitas à casa de Iris (a menina surda de quem falei brevemente na introdução), relembro uma cena prosaica que me fez refletir sobre o caráter polissêmico do imaginário infantil. Na casa da avó com quem moram, Iris e seu irmão habituaram-se a conferir os ovos postos pelas galinhas criadas no entorno da casa, pois, como pude observar, tornaram-se atrativos não somente pelo prazer proporcionado em sua alimentação como também pela vida que se reproduz entre as galinhas, consideradas para eles, também, como animais de estimação.

Certo dia, testemunhei o semblante de contentamento de Iris quando entrou na cozinha da avó segurando um ovo posto por sua galinha. Ela o mostrou de relance à avó e logo tratou de guardá-lo entre suas roupas na gaveta de sua cômoda. Era a primeira vez que via uma criança guardar um ovo junto a seus objetos pessoais e logo pude entender que não se tratava apenas de uma questão alimentícia, algo voltado à simples satisfação de uma necessidade biológica: ele representava para Iris, também, a posse de um bem simbólico, guardado como um tesouro que passava a dividir o espaço íntimo de suas coisas, junto às suas roupas. Percebi que o ovo de sua galinha adquiriu valor de estimação incomensurável<sup>7</sup> e

---

7. Na minha leitura dessa inusitada realidade, esse fato porta certa semelhança com o que representa a narrativa da “galinha dos ovos de ouro” escrita nos contos de fada “João e o Pé de Feijão”. Nessa referência, “os tesouros do ogro são três: a galinha dos ovos de ouro, as sacas de moedas de ouro e uma harpa que canta e toca sozinha” (CORSO; CORSO, 2006, p. 123).

foi daí que surgiu a necessidade de entender o modo como incide a linguagem que, como se vê, não é concomitante ao aprendizado da língua.

Certamente Iris não teve a exata dimensão de que sua atitude, a respeito da intenção de guardar seus ovos, evocara em mim toda essa simbologia. Depreendi de tal revelação o modo como Iris cuida e guarda suas coisas, ou melhor dizendo, como ocupa e transforma os espaços da sua casa em lugares de identidade. Como nos explica Benjamin:

A Terra está repleta dos mais puros e infalsificáveis objetos da atenção infantil. E objetos dos mais específicos. É que crianças são especialmente inclinadas a buscarem todo local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se processa de maneira visível. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelos detritos que se originam da construção, do trabalho no jardim ou na marcenaria, da atividade do alfaiate ou onde quer que seja. Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas, neles estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que em estabelecer uma relação nova e incoerente entre esses restos e materiais residuais. Com isso as crianças formam seu próprio mundo de coisas<sup>8</sup>, um pequeno mundo inserido no grande (BENJAMIN, 2002, p. 57-58).

---

8. Marx (1988), especialmente no capítulo sobre o fetichismo da mercadoria no volume I de O Capital, ao falar do fetiche da mercadoria, diz que, no sistema capitalista de produção, há uma coisificação das pessoas que difere fundamentalmente da potencialização e desenvolvimento de uma subjetividade autêntica do indivíduo. Portanto, falar de “coisas” nesse trabalho não tem a ver com o sentido mercadológico que está posto na sociedade capitalista atual, ideia da qual Benjamin, filiado a essa tradição de pensamento, está inteiramente de acordo.

O que guarda Iris é uma pequena amostra de um mundo adulto que se ressignifica no seu próprio mundo, e, com isso, o sentido atribuído ao espaço das casas vai se constituindo como linguagem numa espécie de alternância do significado das relações que se travam em seu interior. Se pararmos para refletir um pouco sobre essa questão, podemos notar que há um pouco mais de humanidade nos objetos que nos circundam e animam nossa intimidade do que efetivamente nossa percepção alcança.

### Laço social e linguagem

A multiplicidade de encontros entre diferentes famílias ou diferentes segmentos familiares reforça os laços de solidariedade em diversos níveis, ampliando a sociabilidade das crianças e permitindo que elas encontrem outras com quem passam a conviver, a exemplo dos eventuais reencontros de primos com os quais não conviviam há muito tempo e que, por diferentes razões, passam a circular no seu espaço familiar. Dessa maneira, as crianças oportunizam a ocorrência de novas formas de brincar, como acontece nos grandes festejos da comunidade.

Às vésperas da festa do Círio de Caju-Una, o contato entre as famílias se intensifica e os adultos se ocupam com os preparativos para a festa, já que essa é também uma oportunidade para “ganhar um dinheirinho”. Assim, reúnem-se nos dias que antecedem a festa para elaborar os pratos que serão vendidos aos cajunenses e seus visitantes. Enquanto trabalham, seus descendentes brincam, transformando o momento em novas possibilidades de criação lúdica e interação entre eles. Acomodado ao fundo da sala, eu os observo com atenção: de um lado os netos da Amiga da Praia (Iris e Júnior)

e de outro, os filhos de Vanessa (Heloisa e Mateus), ex-vizinha de casa e amiga da família que atualmente mora no Céu.

Iris interage com Heloisa e as duas se entendem na medida necessária de sua interação, causando-me a impressão de uma harmoniosa comunicação, pois, a despeito da surdez de Iris, vejo que seus olhares, gestos e sorrisos substituem plenamente as palavras. Junior, acompanhado de Mateus, manuseia seu pequeno boneco quebrado da “Liga da Justiça” em busca de movimentos que obedecem ao cenário imaginário que vivencia. O pequeno Mateus puxa seu carrinho distraidamente em cima do tablado da sala, seguindo de um lado a outro sem se dar conta das demais interações entre as outras crianças e confundindo-se com o próprio carrinho, o qual se liga soprando de seus lábios o som do motor. No centro dessa interação, a televisão permanece ligada, disputando uma significativa parcela de atenção das crianças que, mesmo envolvidas com suas brincadeiras, desviam os olhares para o desenho animado.

Até mesmo Iris, que não escuta os diálogos reproduzidos no desenho, mantém sua atenção voltada à televisão e sorri quando percebe que as imagens, por si mesmas, lhe transmitem um pouco da trama que se desenrola entre os personagens. Naquele momento, me perguntei como será que ela faz a leitura labial em um desenho que reproduz a articulação da fala humana, o que deduzi estar em descompasso em relação ao que era dublado ou dito pelos personagens. Nesse momento, constatei a importância de se entender a linguagem devidamente articulada ao contexto em que ela se reproduz na narrativa do desenho e, mais uma vez, me surpreendi com o interesse de Iris pelos desenhos quando a via assistindo televisão.

## Dominação e circulação linguística entre as crianças da comunidade

A fim de entender possíveis relações de dominação linguística em situações observadas em campo, descrevo inicialmente o “jogo do taco”, que consiste na seguinte brincadeira: tacadas em uma bola – emborrachada, pouco maior do que uma bola de tênis – que é arremessada com pedaços de pau por uma dupla de jogadores, visando atingir uma garrafa “pet” colocada à frente, onde se posiciona uma outra dupla de jogadores. A cada bola arremessada por uma dupla de jogadores, a dupla adversária rebate com a intenção de lançá-la o mais distante possível; quando a bola não é rapidamente alcançada, os jogadores cruzam o campo várias vezes tocando na garrafa da dupla adversária, e a cada volta e toque na garrafa, são computados pontos que vão se acumulando até o total dos pontos definidos pelo grupo. Dessa maneira, quanto mais longe a bola for tacada, mais oportunidade a dupla tem de cruzar o campo e pontuar. O time adversário precisa, por sua vez, acertar a garrafa e resgatar a condição de tacar novas bolas, condição que favorece, também, suas chances de êxito no jogo. A dupla que atingir primeiramente a marca estipulada ganha o jogo, que pode ser resumidamente traduzido como uma variação do baseball americano.

O jogo é realizado por crianças e por alguns adultos – normalmente familiares, que se infiltram na brincadeira a fim de participar também. É um jogo relativamente fácil de ser organizado, pois depende de materiais de baixo custo, normalmente encontrados na comunidade, a exemplo de garrafas pet, pedaços de madeira que servem como tacos e uma bola pequena. Normalmente a brincadeira

é organizada em um espaço amplo, próximo ao campo de futebol da vila do Caju-Una, tendo como plateia a criançada que se aglomera nas escadas das casas para acompanhar.

## Transações linguísticas e inibições na comunicação

Em um dos jogos que oportunamente filmava, eu observava Iris, sentada à entrada de uma das casas, que assistia às tacadas dos jogadores e a todo o movimento gerado pela brincadeira. Pude constatar no seu semblante a inquietação de seu olhar que revelava seu desejo de participar da brincadeira e sua hesitação no sentido de se oferecer e formar dupla com outro jogador, lhe restando tão somente a observação não participante.

De fato, ela não conseguia se inserir na brincadeira compartilhada pelas demais crianças. Sua hesitação não foi difícil de interpretar como resultado de sua disfunção orgânica, caracterizada pela surdez profunda, que poderia lhe criar situações embaraçosas que certamente comprometeriam o êxito na brincadeira. Sua desvantagem linguística em relação aos ouvintes se tornou evidente. Talvez precisasse da motivação de algum colega sensível ao seu silencioso apelo, alguém bem-intencionado, a fim de incluí-la efetivamente no jogo, mas tal situação não aconteceu e ela permaneceu apenas sentada nas escadas da casa defronte do local onde a brincadeira se realizava. Acompanhava cada jogada com atenção, mantinha-se curiosa e se mostrava particularmente interessada na participação de seu irmão Junior, que formava dupla com outra criança e arriscava suas primeiras tacadas.

As transações lingüísticas que se formam no campo gravitacional da brincadeira do taco, mesmo sem se fazer notar por Iris, lhe outorgavam uma condição passiva e até certo ponto submissa, enquanto as demais crianças ouvintes discutiam a validação de determinadas regras, experimentavam novos tacos, criavam jogadas efusivas e tentavam ganhar o jogo.

Há que se admitir, segundo Bourdieu (1983, p. 159), que as “transações lingüísticas particulares dependem da estrutura do campo lingüístico, ele próprio expressão particular da estrutura das relações de força entre os grupos que possuem as competências correspondentes”. Como Iris não compartilha da competência lingüística capaz de lhe endereçar um lugar nessa brincadeira, sua posição tornou-se bastante incômoda, tendo ela assumido provavelmente uma posição excludente sob o ponto de vista de quem observa de fora. Ainda segundo o autor:

A língua não é somente um instrumento de comunicação ou mesmo de conhecimento, mas um instrumento de poder. Não procuramos apenas ser compreendidos, mas também obedecidos, acreditados, respeitados, reconhecidos. Daí a definição completa da competência como direito à palavra, isto é, a linguagem legítima como linguagem autorizada, como linguagem de autoridade (BOURDIEU, 1983, p. 160-161).

Nesse caso, as relações de dominação não se restringem a eventuais falhas comunicativas, pois mesmo entre as crianças que dominam uma mesma língua – caso das crianças ouvintes que participam do jogo –, o nível de performance na língua e as posições simbólicas que cada uma ocupa revelam diferentes formas de expressão com diferentes nuances de autoridade expressas na língua.

Isso equivale a dizer que há sempre crianças exercendo liderança solidária e não solidária, crianças com expressões de mais ou menos timidez, mais e menos impulsividade quanto ao andamento do jogo. Há, enfim, diferentes posições assumidas ao longo do jogo e que produzem, através dos pequenos locutores, um conjunto de afirmações linguísticas cujas querelas somente são resolvidas com base nas relações de força simbólica travadas entre os participantes do jogo.

Contudo, deve-se reconhecer que o universo da surdez, quando comparado ao mundo dos ouvintes, sinaliza maior propensão ao desequilíbrio linguístico nas suas relações com os ouvintes justamente devido à incompatibilidade dos sistemas linguísticos, que geram inúmeros equívocos na comunicação, e pelas impossibilidades de o surdo se fazer reconhecer nas situações de maior participação coletiva. Segundo Pierre Bourdieu (1983), as leis que ordenam os discursos implicam censuras que:

[...] entre as censuras mais radicais, mais seguras e melhor escondidas, estão aquelas que excluem certos indivíduos da comunicação (por exemplo, não os convidando para os lugares de onde se fala com autoridade, ou colocando-os em lugares sem palavras) (BOURDIEU, 1983, p. 160-161).

A título de exemplo, as condições de produção linguística verificadas no ambiente familiar da criança surda mencionada anteriormente são completamente diferentes da relação censurada na brincadeira do taco: sua mãe usualmente lhe endereça uma comunicação espontânea que a conduz à condição de sujeito e lhe dirige a palavra acreditando que surtirá nela o efeito desejado, muito embora a comunicação se estabeleça pelas vias gestuais, com a utili-

zação de vocabulário sinalizado em códigos domésticos não correspondentes à língua de sinais oficial instituída no Brasil. A linguagem exerce, nesse caso, um papel de fundamental importância não restrito à competência linguística, pois, se assim fosse, as crianças surdas filhas de pais ouvintes nunca atenderiam ou reconheceriam seus chamados, ou melhor, sua autoridade.

Desse modo, um repertório novo de códigos domésticos vai se formando a cada dia, alimentando a condição de uma comunicação legítima. Tal ilustração permite que se reflita sobre pais e filhos quando paradoxalmente compartilham a mesma língua, que, por outro lado, diferem na competência e no reconhecimento da autoridade de investí-la. Há pais que não renunciam a provérbios de orientação moral cuja lista, para se descrever, seria interminável: apostam nos valores e identidade transmitidos pela família, esforçando-se muitas vezes a explicar compassadamente para as crianças como devem se comportar, como devem agradecer ou como devem tratar seus pares.

As condições de produção linguística no ambiente de casa podem ser bem mais favoráveis pois estão livres das amarras de um discurso censurável que se produz em diferentes instâncias da coletividade, embora seja fácil de constatar que as crianças que circulam em comunidades tradicionais, como o Céu e Caju-Una, apresentam receptividade comunicativa marcante, diferentemente do que se observa em grandes centros urbanos, cuja vida coletiva vem se transformando<sup>9</sup> e se tornando cada vez mais individualizada.

---

9. Atualmente grande parte da população brasileira vive nas grandes cidades, onde se constata uma evasão de crianças dos espaços coletivos das brincadeiras em função da própria dinâmica da vida urbana e dos constantes problemas de insegurança, que,

Em comunidades tradicionais, o convívio íntimo e prolongado entre os membros de uma família ou de um determinado grupo aparentemente instaura um clima de maior interação entre as crianças, seus parentes e a vida local. Entretanto, quando a estrutura do mercado linguístico impõe novas condições de recepção comunicativa, o ambiente linguístico tensiona e entra em contradição, uma vez que as condições de recepção esperadas modificam a ordem do discurso que se instaura entre os sujeitos da comunicação.

Nesse sentido, deve-se compreender os fatos linguísticos – refletidos nos antagonismos das brincadeiras – como fenômenos que constantemente se alternam em função da dinâmica local das situações lúdicas criadas. Isso quer dizer que as brincadeiras ora podem assumir a condição de exclusão, ora assumir posições inclusivas, dependendo do ponto de vista ao qual nos referimos. Daí a possibilidade de entender as relações de dominação linguística também na perspectiva lúdica, ou seja, atreladas ao universo da infância.

### Novas estratégias de comunicação quando se está inserido no campo da linguagem

Recentemente, em uma de minhas últimas idas ao Caju-Una com o propósito de entrevistar alguns dos familiares das crianças surdas a fim de concluir o registro de dados para finalização da pesquisa,

---

por sua vez, induzem cada vez mais as famílias a criarem nichos individualizados de convivência, oferecendo como única alternativa – em determinadas classes – para as crianças livrarem-se do marasmo as redes sociais virtuais, que se mostram em franca expansão.

tive oportunidade de pernoitar na casa de Amiga da Praia, tendo um breve convívio com sua filha Elizângela e sua neta Iris, de quem eu já falava ao início deste capítulo (mencionando a brincadeira de taco).

Era um domingo calmo na vila. Algumas crianças brincavam nas proximidades do poço, enquanto eu, da janela que me servia de tribuna, assistia ao jogo de pelada dos jovens adultos. Virei-me por instantes ao interior da casa e observei Iris chamando sua mãe: apontou as horas com o dedo indicador da mão direita tocando seu braço esquerdo (no pulso levemente dobrado) e arqueou as sobrancelhas como se aguardasse um aceno de sua mãe sobre a hora do culto evangélico previamente agendado, que começaria em aproximadamente uma hora ou, mais precisamente, às 18 horas. Seu interesse e compromisso em ir à igreja mais uma vez despertou, de pronto, minha atenção, porque, sendo ela surda, seria uma oportunidade única para entender como ela acompanharia o culto e para fazer observações sobre a sua construção da linguagem em contexto bem específico. Esperei o momento oportuno para cogitar minha ida ao culto acompanhando ambas, mãe e filha.

O interesse de Iris pelo passeio à igreja crescia na medida em que se arrumava: em frente ao espelho da sala, cuidou de suas tranças e aos poucos tornou o penteado de seu agrado, ajeitou seu minúsculo bolero de crochê lilás sobre seu vestido florido, compondo um visual singelo, e o conjunto estava pronto para o culto que se iniciaria em poucos minutos. Sua mãe esmerava-se com o mesmo capricho, guardando certa semelhança ao visual da filha, o que me fazia notar o mesmo jeito, o mesmo corpo, os mesmos gestos, a mesma maneira de se vestir: se não fosse a diferença entre as idades, seriam irmãs gêmeas, formando ambas um par de figuras repetidas. Tal era a semelhança entre mãe e filha.

Chegou a oportunidade para colocar minha questão: se seria possível eu acompanhá-las vestido de bermuda. A questão transformou-se em pergunta endereçada à mãe, que prontamente respondeu: “professor! É claro que o senhor pode ir, o senhor é um visitante, não tem que se preocupar com isso”. Resolvi, então, acompanhá-las. Ao chegar à pequena igreja, fui recebido pelos membros dirigentes do culto e pelos membros da comunidade. Estavam presentes, também, algumas das famílias com as quais mantive contato próximo nos últimos meses, que traziam consigo suas crianças.

Dentre as crianças surdas que observei na igreja, estavam Iris, acompanhada de sua mãe, e Douglas, acompanhado de seus pais. Iris sentava-se entre eu e sua mãe e Douglas sentava-se em um banco situado duas fileiras à frente, ao lado de dois colegas (sendo um deles Anderson, filho de Cláudia). Fiquei mais uma vez surpreso com o grau de envolvimento das crianças surdas no culto, sobre o qual destaquei, especialmente, a maneira como seus olhares acompanhavam a cerimônia. Por uns momentos, exercitei meu pensamento, colocando-me a imaginar o mundo do silêncio das duas crianças surdas: como seria o completo silêncio de seus mundos? Como estariam elas percebendo aquelas pessoas que cantavam, que oravam, que louvavam a Deus, que se alternavam no palco para mais uma canção, a senhora que regia um pequeno grupo de senhoras ou ainda as crianças que cantavam em dupla?

As canções previamente ensaiadas eram lançadas ao ambiente e se misturavam ao sermão que evocava “ajuda de Deus, era preciso ter coragem, determinação, disposição para enfrentar os desafios que a vida nos apregoava”: eram todos ingredientes do sermão. Para acompanhar as músicas, as crianças brincavam com seus cadernos,

utilizando-os como pequenas guitarras, balançavam as perninhas e meneavam suas cabeças de um lado ao outro.

Tudo aquilo, pensei, compunha um conjunto de elementos que traduziam a paz nos corações de Iris e Douglas, um todo que se manifestava como fenômeno de linguagem, intimamente associado à tradição de suas comunidades, lhes agregando pertencimento à vida que pulsava no seu silêncio interior. Para mim, mais uma evidência de que a linguagem nem sempre coincide com a fala (a meu ver, apenas um dos elementos que a compõem), pois outros elementos foram se somando ao conjunto etnográfico, produzindo uma coisa só, um sentido total da cerimônia.

Iris esboçava um sorriso e abraçava sua mãe, as duas dançavam balançando seus corpos esqueléticos de um lado a outro. Toda aquela linguagem era movida por um sentimento transferido por uma química, estado de conexão íntima. Douglas, com sua Bíblia na mão, observava em seu silêncio as diferentes apresentações que se revezavam no palco, trocava olhares com outras crianças e estas, por sua vez, transmitiam sinais umas às outras. Seus gestos, ajudados pelos olhares, permitiam que (como eu os observara) se sentissem perfeitamente incluídas na cerimônia.

A apreensão do áudio parecia não interferir na comunhão de sentimentos que brotava naquela pequena igreja, confirmando mais uma vez que a linguagem social se faz presente, também, no todo significativo que a estrutura da cerimônia propicia aos membros e visitantes da igreja. Suprimidas na percepção das crianças surdas, as palavras proferidas na cerimônia são transfiguradas em imagens que reproduzem os laços de sociabilidade a partir das significações sociais.

Para as crianças, os pais constituem importantes pontos de ancoragem, pois estão dispostos a lhes oferecer a leitura das significações sociais a ponto de saber não exatamente o que está sendo dito, mas o que constitui o signo linguístico e o que evoca o significante no campo do social.

Para que haja uma comunicação autêntica, com força de expressão de sentido na vida das crianças que emerge a partir dos diferentes contextos de produção e circulação linguística e que as envolve na relação com as pessoas com quem estabelecem trocas significativas, em termos de linguagem, deve-se pensar as condições linguísticas como possibilidades reais de instauração de uma “comunicação legítima” no meio social onde vivem (BOURDIEU, 1983). Daí a importância de se validar a posição do Outro (mãe, pai, avós, enfim, pessoas que fazem parte dos laços de afinidade das crianças) como referência de identidade no mundo a partir da qual se nota uma forte influência sobre o padrão de comunicação que se percebe na vida cotidiana, criando as condições de instauração do significante linguístico no lugar onde nós humanos ascendemos ao campo da linguagem.

Isso fica ainda mais evidente nos casos em que se está em jogo a difícil comunicação de crianças deficientes com o meio, decorrente de seus graves comprometimentos em relação aos mecanismos de percepção linguística que, por sua vez, alteram sensivelmente o padrão de percepção sobre a realidade. Apesar das intercorrências linguísticas (especificamente os casos de deficiências múltiplas, inclusive a surdez que se verifica entre algumas crianças do Céu e Caju-Una, a cegueira e outros distúrbios de comunicação que se desdobram em dificuldades de comunicação com o mundo) que criam impasses nas relações

de linguagem que circulam em diferentes níveis de comunicação com o mundo, devo afirmar que nossa capacidade simbólica enquanto membros da espécie humana não está determinada (pelo menos nos casos em que se notam as mínimas possibilidades de comunicação, a nível de um bloqueio parcial ou total do sistema perceptivo) pelo tipo de comprometimento de linguagem, mas sim pelas condições ilimitadas que caracterizam nossa espécie como provedora de artefatos simbólicos que se manifestam como linguagem.

Quando acompanhamos crianças que apresentam dificuldades de linguagem, um simples fato que muitas vezes pode parecer banal, e quando se observa a questão com mais cuidado e sob um novo prisma, podemos ter uma nova impressão justamente pelo efeito estimulante que provoca as diferentes dimensões da realidade social. Nesse sentido, os encontros engendrados a partir dos laços sociais (mesmo aqueles considerados fortuitos), que fazem parte da vida cotidiana, podem (re)produzir efeitos surpreendentes no campo da linguagem, ampliando a base de comunicação entre as pessoas e transformando suas vidas em algo melhor. É o que tento descrever quando me refiro à participação das crianças surdas em algo que tem projeção na vida de suas comunidades e delas mesmas, a exemplo do culto evangélico, que é vivido intensamente por elas como algo que revela o sentido de pertencimento à cultura, sobretudo quando as pessoas que lhe enunciam a palavra criam novas possibilidades de emergência da linguagem.

Da mesma maneira que, em algum momento de nossa evolução filogenética, experimentamos um salto à capacidade de simbolização como seres de linguagem (visto que a cultura passou

a diferenciar nossa espécie daquilo que, outrora, representava apenas a natureza na sua forma bruta<sup>10</sup>), fazendo um paralelo com crianças que apresentam particularidades em relação à subjetivação da linguagem, a possibilidade de expandir a comunicação em suas correspondentes funções torna-se fundamental (o que não necessariamente está relacionado ao aprendizado de Libras), pois representa, efetivamente, maiores chances de inserção e/ou participação (digna) na vida social.

## Considerações finais

A fragilidade constatada na educação inclusiva<sup>11</sup>, confirmada pela professora da escola situada na comunidade do Caju-Una (Sandra) em seu relato sobre as dificuldades enfrentadas pelos alunos surdos no município de Soure, reforça a visão de que a educação sempre esteve delimitada por uma “escolarização como privilégio de um grupo, uma exclusão que foi legitimada nas políticas e práticas educacionais reprodutoras da ordem social” (MEC, 2008, p. 6).

Este fato vem, no Brasil, modificando-se gradativamente em função de um novo paradigma educacional corroborado por uma

---

10. Convém mencionar o interessante debate (mais especificamente as discussões sobre ‘sentimentos amorosos’ dos chimpanzés e ainda sobre o que diferencia nossa espécie como ‘produtores de símbolos’ na plenitude de sua complexidade) que suscita o referido tema no campo das ciências sociais. Em particular, menciono as discussões levantadas por Eunice Durham (2003).

11. Ver documento *Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva* (Seesp/MEC), elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007.

nova visão dos direitos humanos que fundamenta o reconhecimento das diferenças e uma maior participação dos sujeitos deficientes em diferentes esferas da vida social. Vale ressaltar que, nos últimos anos, diferentes segmentos da sociedade passaram a dar destaque às ações de pessoas deficientes que efetivamente ganharam reconhecimento de cidadania no meio social<sup>12</sup>.

A discrepância entre as ações propostas nas políticas educacionais e a realidade na transmissão e difusão da Libras no sistema de educação no município de Soure está intimamente relacionada à reprodução de um arbitrário cultural e à defesa de um capital linguístico de grandes repercussões, o que, de certo modo, amplia o debate sobre a sociologia da língua apresentado por Bourdieu (1983).

O fortalecimento de um sistema linguístico como a Libras no âmbito das comunidades estudadas seria, então, quase uma utopia, se levarmos em conta as condições ideais alardeadas pelas políticas públicas que professam ações inclusivas nas mais variadas esferas da educação, mas que não se concretizam na realidade<sup>13</sup> de pessoas deficientes, o que torna ainda mais evidente o contraste expresso na lógica das relações de dominação, impondo aos desfavorecidos uma “violência de ordem simbólica” incomensurável (CHAUVIRÉ; FONTAINE, 2003, p. 45, tradução nossa).

---

12. Refiro-me ao caso do atleta Alan Fonteles, recentemente revelado campeão de atletismo na Paraolimpíada de Londres, feito amplamente noticiado pela imprensa nacional e internacional.

13. As duas escolas que se localizam nas vilas do Céu e Caju-Una, de vínculo municipal e estadual, respectivamente, não possuem ainda professores habilitados em Libras em condições de facilitar a aprendizagem das crianças surdas.

Articular minha experiência como antropólogo à das crianças surdas, sujeitos dessa pesquisa, e à experiência de suas famílias, implica entender a própria linguagem que permeia essas relações. Nessa perspectiva, “a linguagem é nossa via de acesso ao mundo e ao pensamento, ela nos envolve e nos habita, assim como a envolvemos e habitamos” (CHAUI, 1996, p. 147). Desse modo, entender a linguagem significou, para mim, desbravar os significados, as significações, os valores, sentimentos, desejos, as emoções, ideias, enfim, tudo que emanava sentido para meus informantes a partir das relações que se estabeleceram no campo.

Nas comunidades do Céu e Caju-Una, pude compreender que, subjacente às relações que se construía em diferentes níveis, a fim de as pessoas se apropriarem do mundo, havia existência subjetiva, havia verdade que se manifestava na linguagem. Por isso, a linguagem ocupou um lugar central no método etnográfico desenvolvido na essência da tese que me permitiu expressar na vida sociocultural das crianças marajoaras.

Nesse sentido, evitei passar à deriva das significações coletivas, pois entendo que o pensamento que se arma na subjetividade das crianças, com vistas à sua imersão na linguagem, está intimamente articulado à realidade sensível, sobre a qual desenvolvem suas práticas de sociabilidade. Isso porque, por outro lado, quando evanesce aquilo que permeia as relações simbólicas e o sujeito se desencanta com o mundo, sua existência passa a equivaler-se como a de um autômato, que faz as coisas porque lhes determinam

que faça<sup>14</sup>, e não porque sente que é necessário refletir sobre sua prática, apreendendo a realidade que o circunda.

As discrepâncias, facilmente perceptíveis no modo como as crianças surdas são introduzidas no laço social, principalmente quando há uma sobredeterminação das expectativas dos pais em relação à apreensão da língua, que nem sempre é correspondida a contento, alertam-nos sobre as expectativas que se formam em torno de um trabalho que visa debater a complexidade acerca do desenvolvimento linguístico de crianças surdas, pois a reafirmação do modo de viver dessas crianças não deve ser confundida com a simples descrição de suas incapacidades, limitações ou da não apropriação da língua de sinais.

Sabemos que estamos em um campo de saber que comumente revela inúmeras contradições, como se pode verificar a partir dos debates que se travam entre oralismo e língua de sinais. Por isso, ressalto a importância de um olhar antropológico, menos contaminado pelo discurso médico e mais ampliado sobre os fenômenos que se relacionam ao contexto de suas vidas.

Somente meus leitores saberão avaliar a dimensão desse olhar, que apela insistentemente à questão subjetiva das crianças na dimensão simbólica que permeia suas relações, ainda que tenha que apontar as contradições, as ambiguidades, e as incertezas vivenciadas no campo. A possibilidade que tive de compreendê-las, ao meu modo, constituiu-se em uma rica experiência que oportu-

---

14. Na esfera educacional, a apreensão de determinado conhecimento por parte das crianças tem se confundido, cada vez mais, com o ato de “decorar”, que se sobrepõe à construção de um saber que deveria estar articulada à realidade de suas práticas, às particularidades locais e às tradições socioculturais que as envolvem.

nizou, também, a compreensão de mim mesmo na relação com pessoas que vivenciam, seja direta ou indiretamente, o fenômeno da deficiência:

Toda a investigação antropológica, tendo em conta a experiência de alteridade que ela implica, gera uma modificação do olhar que se tem sobre si mesmo, uma extração de si, um descentramento pela abertura ao outro, um processo de descoberta de si pelo outro (GARDOU, 2006, p. 55).

Por isso, devemos acreditar no *fascínio da alteridade* que captura o interesse das crianças pelas coisas de seu mundo e que também nos captura como antropólogos, pois sem esse entusiasmo pela vida, não daríamos conta de nossas realizações. É na alternância das relações que desvendamos “[...] os vários arranjos possíveis que constituem a nossa matéria-prima: os homens e suas vidas concretas, e plenas de sentido” (BERGER, 1999, p. 27).

Por essa lógica, alcançamos a riqueza simbólica que nos permite descortinar a linguagem na experiência humana e, para tal, devemos de exercitar um novo olhar que seja capaz de testemunhar a transfiguração da vida cotidiana, que se dá no sentido das próprias experiências que são compartilhadas, a exemplo do que trata esta etnografia sobre a vida das crianças marajoaras, num cenário no qual eu também me incluo, observando e participando dessa história, ainda que por um curto período de tempo, mas que me permitiu escrever sobre esse rico universo.

As expectativas de normalização do mundo – que parecem constituir uma face inerente à própria condição humana, uma vez que estamos, a todo momento, perseguindo uma certa ordem, que nos impõe um padrão de normalidade sobre como dizer as coisas,

visando corrigir e atenuar os defeitos humanos implicados na apropriação da língua em função das relativas estruturas de dominação linguística que se formam na vida social – tornam-se um desafio à antropologia, que nos ajuda a entender a incidência da linguagem na vida das crianças não como um modelo linguístico acabado, mas sim por diferentes perspectivas que são delimitadas pelos contextos etnográficos.

## Referências

AZEVEDO, A. M. F. de. *Porto das brincadeiras no Porto-do-Sal: uma leitura antropológica das práticas da infância*. 2006. 94 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

BENJAMIN, W. *Reflexões sobre a criança, o brincar e a educação*. Tradução: Marcus V. Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2002. 176 p.

BERGER, M. *A projeção da deficiência*. 1999. 202 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

BOURDIEU, P. A economia das trocas linguísticas. In: ORTIZ, R. *A sociologia de Pierre Bourdieu*. Tradução: Paula Montero. São Paulo: Ática, 1983.

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1996. 440 p.

CHAUVIRÉ, C.; FONTAINE, O. *Le vocabulaire de Bourdieu*. Paris: Ellipses, 2003.

CORSO, D. L.; CORSO, M. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

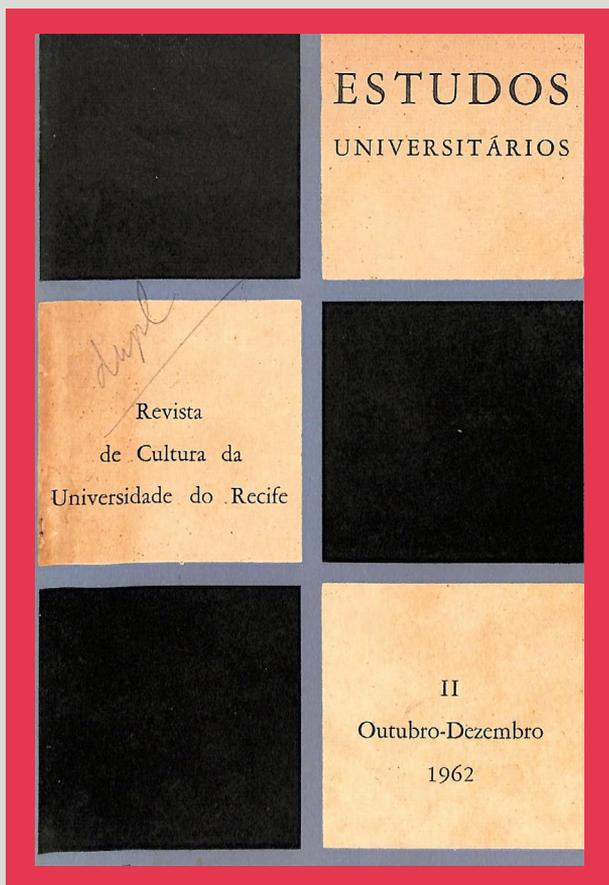
DURHAM, Eunice Ribeiro. Chimpanzés também amam: a linguagem das emoções na ordem dos primatas. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v.46, nº 1, 2003.

GARDOU, C. Quais os contributos da Antropologia para a compreensão das situações de deficiência? *Revista Lusófona de Educação*, Lisboa, v. 8, n. 8, p. 53-61, 2006. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/692>. Acesso em: 13 abr. 2022.

INGOLD, T. To journey along a way of life: maps, wayfinding and navigation. *In*: INGOLD, T. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. Londres: Routledge, 2000. p. 219-242.

MEC - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/ SEESP, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.

REZENDE, A.; VORCARO, A. M. R. Os (des)encontros do infans com a linguagem. *In*: VORCARO, A. M. R.; SANTOS, L. C.; MARTINS, A. O. (orgs.). *O bebê e o laço social*. Belo Horizonte: Editora Artesã, 2018. p. 48-68.



## Volume 2

Lançado em outubro de 1962, o segundo volume da *Estudos Universitários: revista de cultura* da Universidade do Recife (UR) prossegue com sua periodicidade trimestral, referindo-se aos meses de outubro a dezembro. Nesta segunda edição, o diretor da revista era o Reitor Prof. João Alfredo Gonçalves da Costa Lima; o secretário era o Prof. Luiz Costa Lima; e o projeto gráfico e a capa foram de autoria de Orlando da Costa Ferreira. O volume apresenta ensaios de: Pierre Furter; Orlando da Costa Ferreira; Eduardo Portella; Décio Pignatari; Erthos de Souza; Haroldo e Augusto Campos; Luiz Costa Lima; João Alexandre Barbosa; e Heron de Alencar. Estudos de: Pierre Furter; João Alexandre Barbosa; Luiz Costa Lima; e José Osman de Freitas. E resenhas de: Orlando da Costa Ferreira; Vamireh Chacon; Francisco Austerliano Bandeira de Mello; Luiz Costa Lima; Sebastião Uchoa Leite; e Roberto Cavalcanti.